



CITRICULTORES À ESPERA DE UM MILAGRE DE SÃO PEDRO

Desesperados. É assim que se encontram muitos dos produtores de laranja no Algarve, perante o cenário de seca e a falta de soluções de curto prazo que permitam regar os pomares. Se não chover entretanto, dizem, não haverá colheita.

Ana Gomes Oliveira

A seca registada na maior região produtora de citrinos em Portugal – Algarve – marca de forma negativa a campanha que se segue, com os produtores a dizerem-se totalmente dependentes da precipitação que poderá vir ou não. Caso

não chova o suficiente até Março deste ano, a próxima colheita estará arruinada. São vários os pomares onde já não há água para regar e os produtores lamentam que este problema para o qual têm vindo a alertar há mais de dez anos



Frusoal, União que dá frutos!

Temos como visão continuar a liderar o mercado citrícola, apostar em novos frutos, prestar aconselhamento contínuo aos nossos associados e apostar num forte investimento tecnológico.

*Unidos pela qualidade, inovação, sustentabilidade.
Unidos pelo sabor do Algarve.*

Siga-nos



www.frusoal.pt



não esteja ainda resolvido. De olhos postos no céu, os citricultores desesperam com a falta de água e com a falta de respostas.

AlgarOrange partilha preocupações do sector

Fazendo um balanço da campanha 2022/2023, a AlgarOrange – Associação de Operadores de Citrinos do Algarve refere que a «produção baixou 30%, os preços subiram 25%, a qualidade foi razoável a boa e o mercado respondeu bem, pois havia pouco produto no mercado». As principais causas apontadas para a quebra de produção prendem-se com a alternância produtiva, as altas temperaturas e a escassez de água, que afectaram a colonização e a polinização. Os calibres das variedades Newhall e Lane Late foram de 3,4,5; e os calibres da Valência Late foram de 4,5,6. Na exportação, 30% da produção de citrinos do Algarve seguiu para a União Europeia e 2% para outros países.

Para a próxima campanha, as estimativas são difíceis de fazer devido à situação de seca vivida nesta região produtora. «Na zona do Barlavento, que engloba Silves, a escassez de água faz-se sentir de forma mais expressiva, havendo pomares que estão a ser regados em condições muito deficitárias. Isso vai naturalmente resultar em frutos mais pequenos, fazendo antever quebras na produção», diz-nos José Oliveira, presidente da AlgarOrange.

O responsável relata que os citricultores já praticam há muito tempo uma agricultura eficiente quanto ao recurso água, lembrando que «nos últimos 15 a 20 anos, o sector agrícola

foi o que registou um maior grau de eficiência na utilização da água, contra muitas das afirmações que foram feitas, nomeadamente por entidades administrativas, regionais ou de outros sectores. A grande maioria dos pomares, e todos os mais recentes, têm rega gota-a-gota. Não se pode apontar tanto o dedo à agricultura, antes pelo contrário», defende. Até porque, acrescenta, é preciso olhar para outros sectores de actividade. «Na agricultura devemos estar dispostos a fazer sacrifícios, mas deve-se pedir o mesmo a todos. Sabemos que o sector agrícola usa 57% da água na região do Algarve, mas quando é preciso apertar o cinto, devem todos fazê-lo. Por exemplo, os hotéis quanto é que pouparam? Porque é que as piscinas, sejam privadas ou públicas, continuam cheias? Penso que é justo pedir esse contributo de todos e não penalizar apenas um sector, neste caso, o da agricultura.»

Reiterando que os produtores estão totalmente dependentes da precipitação que possa vir a ocorrer, José Oliveira não tem dúvidas de que, caso não chova, «as consequências vão ser enormes e terríveis, com muitos pomares a desaparecerem». Isto porque, refere, as alternativas que estão no terreno – como a dessalinizadora, o canal do Pomarão ou a utilização das águas residuais tratadas – só vão dar respostas, se tudo correr como o previsto, em 2026. Os problemas estão a acontecer agora». Além disso, o presidente da associação considera que estas medidas não são uma solução por si só. «No futuro, vai ser preciso mais água. Estes projectos não serão suficientes para as necessidades e tendo em conta as previsões

que apontam para menos precipitação e mais espaçada na região. É preciso trazer água de outras origens, fazer transvasas ligando as bacias do Alentejo ao Algarve e eventualmente outras ao Alentejo. Temos de falar nisso agora.»

Além do problema ligado à seca que se vive no Algarve, a AlgarOrange destaca a fitossanidade como outro grande constrangimento da fileira. «Falta investimento em programas de combate às pragas. Há muito tempo que reclamamos que se faça o cadastro da citricultura do Algarve, para se poder fazer um programa de luta regional, nomeadamente contra a mosca da fruta. É um passo que ainda está por dar.»

Frusoal pede canal do Pomarão há muito tempo

Voz sempre activa na fileira, Pedro Madeira, sócio-gerente da Frusoal, é um dos actores da citricultura que há muito vem alertando para o problema da disponibilidade de água na região. «Os outros problemas, vamos conseguindo, agora, em relação há água não. Vamos rezar para que chova, porque se não chover, estou a ver a realidade agrícola algarvia muito, muito complicada», afirma, lamentando a inércia das entidades decisoras. «Ainda não ouvi ninguém dizer “vamos fazer isto para acrescentar”. Nada. Só dizem para reduzir, reduzir, reduzir. O Governo não se mostra preocupado em ir buscar água ali para pôr aqui. Após muita pressão da Associação de Regantes do Sotavento, o Estado disponibilizou uma verba para um pré-estudo da Barragem da Foupana. É importante



aquagrí
Regamos bem o seu negócio.

myirrigation • gestão de rega • irriwatch • levantamento electrocondutividade do solo • recolha imagens térmicas e ndvi por drone
auditoria técnica a sistemas de rega • projectos de rega e drenagem • logística de água • estudo de solos • formações práticas • estações meteorológicas
modelos de doença • previsão meteorológica local • sistema de monitorização de condições de geada • sondas humidade e salinidade do solo
sistemas de monitorização para hidroponia • armadilhas automáticas para pragas • equipamentos para amostragem de solo e água

#amelhorequipa #eficiencia #sustentabilidade #gestaoderega #myirrigation #irriwatch #pesslinstruments #sentek #eijkelkamp

tel. 214 660 773 • www.aquagri.eu • info@aquagri.com • [/aquagri](https://www.facebook.com/aquagri) • [/aquagri](https://www.instagram.com/aquagri) • [/company/aquagri](https://www.linkedin.com/company/aquagri)



que este investimento avance, mas estamos a falar de uma obra que pode demorar oito ou dez anos. Não é uma solução», defende Pedro Madeira.

O responsável desta organização de produtores acrescenta que, mesmo assim, a solução do canal do Pomarão – já proposta por diversas vezes ao Governo pela Frusol – é a que se apresenta mais eficaz, tendo até contado com «um estudo feito por Carmona Rodrigues, que é um especialista na área». Para Pedro Madeira, tem havido «falta de vontade política», face a um problema que já merecia a disponibilização de fundos tendo em conta o peso desta actividade na região, que emprega directa ou indirectamente cerca de 10% da população algarvia.

«Vamos deixar de produzir laranja para importarmos de fora? É isso que queremos para o futuro? Não sei... Mas isto não é nada. Estamos sem ferramentas», lamenta Pedro Madeira.

Refira-se que este projecto, que já tem estudo de impacte ambiental, prevê a construção de uma captação de água superficial na zona estuarina do rio Guadiana, a Norte da povoação de Mesquita, a montante do Pomarão. Segundo a Águas do Algarve, a «partir da captação desenvolver-se-á uma conduta adutora até à albufeira de Odeleite, onde a água captada será restituída. Os traçados da conduta adutora apresentam três alternativas (uma delas com duas variantes), que percorrem os concelhos de Mértola, Alcoutim e Castro Marim». A orientação de base «corresponde a captar no Pomarão, onde as águas não terão já influência da cunha salina, um caudal de 2 m³ durante quatro meses e 1 m³ durante outros quatro meses no ano, de modo a transferir um volume anual máximo de 30 hm³ para o sistema Odeleite-Beliche, que serve de origem de água para abastecimento urbano ao sistema multimunicipal do Algarve e para rega ao Sotavento Algarvio». Este projecto corresponde a um investimento de cerca de 61,5 milhões de euros e é financiado no âmbito da medida de Gestão Hídrica do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).



Cacial com pomares sem rega há dois meses

As dificuldades são também partilhadas pela Cacial (Cooperativa Agrícola de Citricultores do Algarve), com Horácio Ferreira, director geral da organização de produtores, a relatar que já tem pomares sem rega há dois meses e que o cenário é, de facto, desanimador. «Estamos com a campanha muito comprometida e, a chover, tem de ser vários dias seguidos, caso contrário, nem fará diferença face ao contexto de seca que vivemos», diz o engenheiro técnico agrário.

Descrente nas soluções que estão em marcha, defende que a dessalinizadora «não constitui a solução do problema, pelo menos para utilização agrícola», e que nem com transvases «isto se resolve», pois são soluções que não surgem com um «estalar de dedos». «Há quanto tempo temos vindo a alertar o Governo para esta situação? Agora temos este problema complicadíssimo às costas e não sabemos o que fazer. Os produtores vivem momentos de grande incerteza por causa da falta de água. Pessoalmente, já deixei cair dois investimentos previstos, por falta de condições», confidencia o director geral.

Habituação a enfrentar a actividade com optimismo, Horácio Ferreira assume que desta vez tem sido difícil. «Estamos sem conseguir enfrentar este grande berbicacho», remata.

Produtores da Frutalgoz desconhecem níveis no aquífero

Junto dos nove produtores associados da Frutalgoz, as preocupações quanto ao futuro são muitas. Apesar de não estarem dependentes de barragens, uma vez que todos fazem rega através de furos do aquífero Querença-Silves, sabem que as águas subterrâneas também estão nos níveis mínimos devido à falta de precipitação. «Neste momento a nossa situação ainda não se manifesta grave, ainda temos água, mas não sabemos até quando. O cenário que se vive na região deixa-nos muito nervosos e só pedimos que chova», avança Sílvia Neves, sócio-gerente da organização de produtores.

«O que chove não é suficiente para repor os níveis e, quando chove muito, a água acaba por escorrer e perder-se, até porque os solos estão secos e pouco permeáveis.»

A responsável frisa que os citricultores já adoptam práticas de eficiência hídrica há muito tempo, até por causa das contas de cultura, e que têm estado com atenção redobrada às perdas, monitorizando de forma frequente eventuais fugas na rega. «Se tivermos uma Primavera seca, a campanha fica comprometida», finaliza.

Frutas Martinho com níveis de sal a mais na água de rega

Na Frutas Martinho, cerca de 90% das explorações usam a água do Aquífero Querença-Silves, tendo apenas 10%, duas quintas, a usar água da barragem. «Uma das nossas quintas está três vezes pior



Messinagro

Agricultura · Jardinagem · Petfood



A dar vida à sua terra

FARO · MESSINES · TAVIRA · SÃO TEOTÓNIO

MESSINAGRO.PT

GERAL@MESSINAGRO.PT

289 815 270*

*Custo de chamada para rede xa nacional

do que as que usam a água da barragem, porque a água do mar entrou no aquífero e a água está com os níveis de sal bastante elevados, quatro vezes mais do que uma água normal para rega», conta Felipe Martinho, director-geral da empresa produtora de citrinos no Algarve. «Ainda por cima estamos a falar de uma exploração bastante grande, são 24 hectares, onde vamos tentar compensar este problema com a nutrição vegetal e a fertilização, na tentativa de conseguir equilibrar a planta, porque ali não temos outra fonte de água», adianta.

Nas outras explorações, a empresa tem procurado manter «uma rega bastante equilibrada, redobrando a atenção nas perdas». «Temos estado a otimizar essa parte e a regar de uma forma muito racional e muito técnica, utilizando todos os meios que temos à disposição, como sondas para analisar a capacidade de campo, não regando acima dessa capacidade. Ou seja, estamos a regar exclusivamente o que a planta necessita extrair para que não entre em stress hídrico.» Filipe Martinho conta que o aquífero está a ser monitorizado semanalmente e as zonas mais críticas diariamente.

O produtor confirma a situação de calamidade na cultura e

adianta que neste momento estão focados em equilibrar a vida das árvores, não olhando a produtividades ou calibres, «pois a preocupação é que as plantas não morram».

O impacto directo da seca e falta de água é a menor produção, com muitas reticências à próxima campanha, tal como partilha o mesmo responsável: «Espero que na próxima floração, em Março, o aquífero não colapse. Aí será grave, pois não iremos ter produção sequer no próximo ano. Aliás, na floração do ano passado a água já foi pouca e isso já se reflectiu nesta campanha. Isto não acontece de um dia para o outro. Estamos a sofrer neste momento com baixas de produção por causa do que aconteceu em 2023. E se houver mais uma falha na próxima floração, penso que a redução de volumes será drástica. Andamos há mais de dez anos a alertar para este problema da seca na região e agora todo o tempo é pouco para as medidas que vão implementar», considera.

Assim, à semelhança de outros produtores, na Frutas Martinho pede-se precipitação, pelo menos nos níveis que ocorreram em Novembro último, à volta de 300 milímetros. «Já dava para respirar um bocadinho», conclui Filipe Martinho. ●

